

 <https://doi.org/10.29327/2206789.20.35-5>

RASTROS DE UMA ESCRITA EM CONSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE TEXTOS DE CRIANÇAS

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo: À luz da perspectiva teórica proposta por Mikhail Bakhtin e seu Círculo, voltamos nosso olhar para textos produzidos por sujeitos historicamente situados e propomos uma investigação da multiplicidade de sentidos da linguagem escrita sob a teoria dos gêneros do discurso. Neste trabalho, concebemos a linguagem como meio de interação social e assumimos que a escrita se caracteriza como interlocução entre leitor e escritor. Partimos, portanto, do pressuposto de que os sentidos do texto escrito são constituídos de maneira dialógica, com o objetivo de compreender como os indícios dos gêneros discursivos, em suas características relativamente estáveis, emergem dos escritos de crianças do terceiro ano do fundamental de um colégio público federal. Como resultado desta interação, temos as produções textuais de crianças, cuja análise – guiada pela metodologia do Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1989) – mostra de que maneira se sobressaem os traços de estilo, tema e construção composicional dos gêneros ainda em fase de constituição da escrita, além de evidenciar o texto como espaço de interlocução, em que o ato de escrever adquire caráter responsivo, ou seja, como um processo de constituição ativa de seus sentidos.

Palavras-chave: círculo de Bakhtin, escrita, paradigma indiciário, gênero do discurso

¹ Fabiana Giovani · ² Daniela Campregher

¹ Doutorado em Linguística, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Docente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

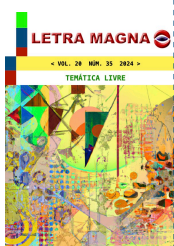
² Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina
Bolsista CNPq, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-5887-1058> · <https://orcid.org/0009-0004-1556-7912>
 fabiana.giovani@ufsc.br · danielacampregherferreira@gmail.com

Recebido em 25/09/2023

Aceito em 26/01/2024

Publicado em 29/02/2024



Abstract: In accordance with the theoretical perspective proposed by Mikhail Bakhtin and his Circle, we turn our gaze to the texts produced by subjects historically situated and propose to develop an investigation about the multiplicity of written language in line with the Speech genre theory. In this proposal, we see language as a medium of social interaction and we assume that writing is characterized as an interlocution between reader and writer. Therefore, we assume that the meanings of the written text are constituted in a dialogical way, to realize what are the Speech genre indicia in the written by children from third grade of an elementary public school. As a result of this interaction, we have the children's productions, whose analysis - guided by the methodology of the Evidential Paradigm (Ginzburg, 1989) - shows signs of style, theme and compositional structure, in addition to make evident the text as a space of interlocution, in which the act of writing takes a responsive character. In other words, as a process of active constitution of meanings.

Keywords: Bakhtin circle, writing, evidential paradigm, speech genre

Introdução

A teoria bakhtiniana tem apresentado papel fundamental nos debates em contexto escolar, sobretudo quando pensamos na escrita. Situando nossa pesquisa sob a perspectiva de Bakhtin e seu Círculo de estudiosos, buscamos desenvolver e analisar textos produzidos por crianças em fase final de alfabetização, a fim de compreender, de modo geral, a multiplicidade de sentidos da linguagem escrita à luz da teoria dos gêneros do discurso. Concebemos, para tanto, a linguagem como produção humana social, dialógica, histórica e ideológica, como processo de interação verbal; e o texto, como considera Bakhtin (1997, p. 332), “individual, único e irreproduzível”.

Com respaldo na mudança de perspectiva defendida por Geraldi (1997), em que o texto deixa de ser visto como uma redação e passa a ser uma produção textual, superamos as tipologias textuais, fora de contextos reais de uso, para valorizar o modo como os gêneros discursivos circulam nas diferentes esferas da atividade humana. Consideramos, ainda, a importância da interlocução, o que implica um eu e um outro, espaço de formação das individualidades o qual se dá na alteridade (Geraldi, 2013).

Para Bakhtin é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. “O ser reflete no outro, refrata-se [...]. E esse processo não surge da própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos” (Miotello et al., 2009, p. 13). Ainda como exposto pelo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso na obra “Palavras e Contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin”, na filosofia bakhtiniana, a noção de alteridade se relaciona com pluralidade, heteroglossia, polissemia, muitas vozes, ideologia:

Em 'Estética da Criação Verbal', Bakhtin afirma que 'é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições', o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo e consciência se constituem e se elaboram a partir das relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres. A alteridade é fundamento da identidade (Miotello et al., 2009, p.13).

Deste modo, colocamo-nos como sujeitos inconclusos inseridos em um contexto sócio-histórico, encontrando-se sempre em constante mudança diante das relações com o outro. Por meio dessa relação é que se alcança uma completude provisória, pois são fornecidos elementos que agregam e compõem cada sujeito a partir da plurivocalidade, ou seja, da tessitura de vozes sociais que constitui o espaço enunciativo-discursivo (Di Fanti, 2003). No centro desse encontro de vozes, mediado, neste trabalho, pelo texto, estão sujeitos reais e suas vivências que dialogam, sendo o resultado desta interação a construção de sentidos para o texto escrito (Giovani & Souza, 2017).

É nessa perspectiva que nos dispomos diante do ato responsivo, dito de outro modo, da responsabilidade do ser social, compreendendo a aula como acontecimento (Geraldini, 2010) e formada no diálogo constante entre sujeitos historicamente situados. Defrontamo-nos com a alfabetização não como um processo mecânico de decodificação, desconectado da realidade concreta, mas como um período em que os sujeitos se apropriam de um instrumento cultural, uma vez que

Considerar a criança como sujeito autor em constituição, que se apropria do texto escrito na/a partir da interação com a escrita e, principalmente, com o outro, é compreender melhor as representações dos aprendizes sobre o texto escrito, as hipóteses que eles (re)elaboram, as particularidades e convergências de seus percursos marcados por uma subjetividade socialmente constituída, como postulam Bakhtin e Vygotski (Giovani, 2010, p. 20).

À vista disso, como podemos pensar no ato da escrita de crianças em fase final de alfabetização nesse mundo de encontro entre a outra palavra e a palavra outra (Ponzio, 2010) e na plurivocalidade de vozes que se evocam? De que modo as características discursivas, postuladas por Bakhtin, fazem parte da constituição dos sujeitos e deixam vestígios em suas produções? Diante dessas inquietações, este trabalho tem como objetivo compreender o percurso e a origem das características relativamente estáveis dos gêneros do discurso produzidos pelas crianças durante o processo de apropriação da escrita, refletindo sobre os traços de autoria, que inclui o tema, a construção composicional

e o estilo de cada infante. Ademais, objetivamos encontrar indícios do outro, ou seja, da dialogia presente no texto escrito, processo, ao nosso ver, constitutivo do eu. Para alcançarmos tais objetivações, adotamos a metodologia indiciária de Ginzburg (1989), que através da micro história, dos sinais e dos vestígios muitas vezes negligenciados, busca reconstruir uma realidade (Giovani et al., 2020).

Nesse caminho de interpretação dialógica da constituição dos sujeitos por meio dos gêneros do discurso, temos como recorte as produções de uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública federal. As produções foram realizadas através de uma Oficina de Escrita¹ que tinha como intuito geral refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa na educação básica, especificamente, acerca da produção de textos de crianças. Como proposta pedagógica, objetivamos, através da Oficina: (i) convidar os alunos a serem ativos no processo de escrita, constituindo-se como autores de seus dizeres; (ii) oferecer uma atividade interativa para a produção de textos, indo além de comandos desvinculados de uma prática discursiva; (iii) revelar o processo da escrita como algo dialógico e dinâmico, aprimorando, assim, suas interações com o outro e com o texto.

O presente artigo apresenta a seguinte organização: primeiro, fundamentamos nossa perspectiva teórico-epistemológica, seguindo para a construção de nossa metodologia, para, finalmente, termos respaldo e adentrarmos na análise dos textos escritos. Para encerrar, faremos nossas considerações finais.

Delimitando Caminhos Teóricos

À medida que concebemos a linguagem como uma atividade humana (Franchi, 1992), considerando que nela nos constituímos e internalizamos os signos que a compõem, admitimos sua natureza ideológica, uma vez que na palavra “se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social” (Bakhtin, 2006, p. 106). Cada sujeito está imerso em um complexo de signos que foram antes de outrem e tornam-se seus, proferidos em interpelação aos outros em forma de diálogo. Fora do enunciado concreto não há signo: o enunciado, como unidade da comunicação concreta viva:

¹ A Oficina de Escrita envolveu análise e discussão de dados de crianças em processo de apropriação da escrita através de um projeto realizado no Colégio de Aplicação da UFSC. A coleta dos textos foi realizada no mês de outubro de 2022 por um grupo de três graduandas do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sendo uma delas autora deste trabalho.

[...] comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros. O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro (Bakhtin, 1997, p. 295).

Junto a isso, Geraldi (2013) explana que o princípio da alteridade está presente em toda a obra bakhtiniana. A constituição do sujeito ocorre, segundo Bakhtin e seu Círculo, por assimilação da palavra do outro. Essa assimilação, entretanto, não é passiva ou estática. Cada sujeito irá apropriar-se da realidade material à sua maneira, posicionando-se a partir de seu ato singular (Ponzio, 2010) e constituindo-se como sujeito único. Segundo Geraldi (2013, p. 13) “[...] as contrapalavras com que compreendemos cada novo signo não são as mesmas com que o outro compreende”. Assim sendo, os signos não apresentam uma relação de biunivocidade, mas sim são plurivocais (Geraldi, 2013), marcados pela multiplicidade de entoações que os interpenetram e pelo tom emotivo-volitivo de cada sujeito. Portanto, somos a alteridade que nos constitui, mas não somos meras reproduções dessa alteridade, haja vista que somos agentivos devido as nossas contrapalavras.

Muitas vezes, entretanto, nas relações sociais marcadas pela lógica mercadológica pós-moderna, a alteridade é apagada em prol da semelhança de um grupo ou mesmo devido à absolutização dogmática-científica. Todavia, posicionamo-nos a favor do conceito de alteridade absoluta: não há substituição de nenhum dos interactantes, mas sim valorização do singular. Desta maneira, consideramos que cada sujeito irá se apropriar dos conhecimentos propostos, inclusive nas práticas de produção textual, a partir das suas vivências e do seu contexto sócio-histórico. Logo, não haverá resposta única, fechada e finita, pois cada um terá seu tom, seu existir único, irá refratar seu conhecimento partindo da linguagem.

Junto a essa arquitetônica é importante acrescentarmos o conceito de responsividade, isto é, a resposta ativa, o que torna a linguagem propriamente dialógica. Ser responsável, nesse sentido, é colocar-se ativamente em um diálogo, é se responsabilizar pela sua tomada de posição, respondendo do seu próprio lugar. Como exposto por Miotello (2011, p. 26), “Esse lugar onde estou, o lugar onde cada um de nós está, é um lugar único, irreproduzível, irrepitível, de onde apenas eu vejo o mundo, de onde apenas eu vejo os outros; neste lugar eu necessito pensar”. Ser responsivo, atualmente, é superar a crise de ausência do outro (Miotello, 2011) e admitir que o indivíduo precisa do outro para construir a si mesmo. A escola, portanto, seria um espaço

fundamental de ato responsivo, um local de conexão entre compreensão e escuta, mas escuta que cala fundo, que reflete e que modifica.

Uma concepção também de suma importância para compreensão da proposta deste trabalho é a de cronotopia. Presente, principalmente, na obra “Questão de literatura e estética”, é a relação tempo-espço envolvida na produção do discurso:

O cronotopo liga-se ao que Bakhtin denomina “grande temporalidade”, podendo, portanto, ser conceituado como “a expressão de um grande tempo”. Enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, pois é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos *acontecimentos* (Miotello et al., 2009, p. 25, grifo dos autores).

Para o filósofo, cada cronotopo pode incluir outros cronotopos, incorporando-se um ao outro, coexistindo, entrelaçando-se, permutando, confrontando-se, opondo-se ou se encontrando nas inter-relações mais complexas. A noção de tempo, por essa perspectiva, traz consigo uma concepção de homem e de história. Deste modo, a cada nova temporalidade, temos a correspondência de um novo ser. Isto quer dizer que não podemos desassociar as vivências únicas de seus respectivos momentos históricos, ou seja, da relação tempo-espço que permeia as relações humanas.

Os Gêneros do Discurso

Precisamos esclarecer, de antemão, que Bakhtin não se deteve explicitamente a questões relacionadas à educação, muito menos criou alguma metodologia para se aplicar em sala de aula. Todavia, os seus estudos tiveram grande impacto no olhar educativo, sendo inclusive incorporados em documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) e, mais recentemente, da Base Nacional Comum Curricular (2018). Deparamo-nos, então, com a possibilidade de projetar as concepções de sujeito único, de alteridade e de constituição eu-outro para o campo educacional. Ao considerarmos que cada aluno tem um projeto de dizer provindo de uma comunicação interminável de criação verbal, a sala de aula é vista como um encontro polifônico de vozes sociais que se equivalem, se chocam e se misturam.

Outra contribuição inegável do Círculo é o conceito de gêneros do discurso. Para o filósofo, o enunciado, ou seja, a unidade real da comunicação discursiva (Bakhtin, 1997) é a materialização da língua, manifestando-se de forma oral ou escrita. Os enunciados são concretos, uma vez que são singulares, e únicos, haja vista que são irrepetíveis. Ademais, se dão sempre num gênero, em uma atividade real de comunicação e com um propósito. O

enunciado constitui-se a partir de outros enunciados, chamados de já-ditos, e se concretiza nos diversos modos de citação do discurso do outro, prevendo reação-resposta.

Os gêneros do discurso, formas relativamente estáveis de enunciados, têm sua diversidade infinita porque “são inesgotáveis as possibilidades da multiforma atividade humana e estão em constante mudança” (Bakhtin, 1997, p. 280). O gênero traz o novo, a singularidade, a impermanência, articulado, ao mesmo tempo, à generalidade, à permanência, porque não é uma construção normativa, mas um vir-a-ser concreto cujas regras supõem uma dada regularidade e não fixidez (Sobral, 2009). Essa tensão permanente faz surgir, a cada instante, novas formas de interação, novos enunciados e novos gêneros discursivos, que através do tempo, vão incorporando e modificando certas características. Assim como expresso por Geraldi (2009, p. 79), “Os gêneros são relativamente estáveis, até porque há constantes entrecruzamentos entre eles, com características de um deslocadas para outros, com renovações e retornos”. Se tomarmos essas concepções à educação, nos vemos diante de um modelo “que centra o ensino nas práticas, aberto a aprendizagens, sem definição prévia e fixa de pontos de chegada, valorizando mais o processo do que o produto” (Geraldi, 2009, p. 78).

Os elementos – relativamente estáveis – que compõem os gêneros discursivos são o conteúdo (temático), o estilo da linguagem (recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais) e a construção composicional. “Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (Bakhtin, 1997, p. 280). Admitimos, porém, que apesar desses três elementos estarem relacionados, pode haver o sobressalto de um sobre o outro, a depender da autoria e da situação de uso.

Diante disso tudo, a arquitetura bakhtiniana nos permite olhar para a escrita como forma concreta de enunciado e como um elo na cadeia discursiva. Defendemos, assim, que um texto só pode ser interpretado e plenamente compreendido quando dentro de algum contexto comunicativo e em diálogo entre o autor e o leitor. “O texto traz potenciais de sentido, é uma materialidade com a qual são instaurados sentidos a partir da produção do discurso (Sobral, 2012, p. 34).

Seguindo os Rastros: um Caminho Metodológico

Colocar-se à frente de um objeto para estudá-lo requer um procedimento metodológico que guie esta investigação. Reconhecemos, de antemão, que uma pesquisa não se desenvolve a partir de um olhar neutro, mas está sob o escopo da filiação do pesquisador — um eu ideológico situado no tempo e no espaço — que se posiciona diante do evento analisado. Quando falamos de pôr-se diante de um outro, ou seja, de um ser humano historicamente situado, admitimos a infinitude de sentidos e particularidades que permeiam esta interação. Para tanto, como apontado por Geraldi (2012), ao aceitar que todo enunciado é único, mas nenhum isolado (Seriot, 2009), abandonamos a posição epistemológica que somente admite como científico e verdadeiro o enunciado daquilo que é repetível, estável e imutável. Pelo contrário, buscamos a singularidade, o caráter único e irrepitível de cada sujeito em sua discursividade.

Em vista disso, este trabalho situa-se dentro do campo das Ciências Humanas, caracterizando-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, que a partir da arquitetura bakhtiniana pretende olhar para o texto escrito a fim de compreendê-lo como unidade real do discurso. Ao assumir uma posição dialógica, optamos não definir de antemão os pontos de chegada e os limites do objeto, à medida que “[...] são essenciais todas diferenças superficiais entre um enunciado e outro; todos os contextos em que aparece uma mesma sequência verbal e todas as formas de expressão verbal com as línguas particulares” (Geraldi, 2012, p. 22). Defendemos, portanto, através de um olhar de transgrediência, que o sujeito, constituído em relações mediadas pela linguagem, seja estudado em sua pluralidade e em sua relação com o outro, neste caso, o pesquisador:

Nesse lugar, é inquestionável o papel do HUMANO, já que o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Nessa condição, o ser pesquisado é inesgotável em seu sentido e significado. Dessa forma, quando se realiza pesquisa em ciências humanas, o pesquisador depara-se com indícios que direcionam o seu olhar a alguma interpretação e isso está bem longe de ser sinônimo de exatidão (Giovani, 2018, p. 130).

Valendo-se de um caráter heterocientífico do saber, dotado de suas próprias leis e critérios internos de exatidão (Bakhtin, 1997), buscamos uma metodologia que permita um olhar minucioso e alinhado à complexidade que requer o ser humano. Destacamos a diferença, exposta em Geraldi (2012), entre método e metodologia: enquanto o primeiro

dispõe de corrimões que definem a caminhada, sem expor-se ao desconhecido, a segunda alinha-se a princípios ligados à perspicácia e intrepidez do pesquisador.

Nesse contexto, a metodologia do Paradigma Indiciário, fundamentada na investigação de “pistas” ou “indícios” reveladores dos fenômenos da realidade, faz-se em concordância com a teoria de Bakhtin e de seu Círculo ao permitir um olhar profundo sobre a vida e a linguagem. O historiador italiano Carlo Ginzburg buscou em seus estudos elucidar como emergiu, no âmbito das Ciências Humanas, um modelo epistemológico cujas raízes se encontram nas primeiras práticas humanas: a caça e a adivinhação.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. [...] O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos (Ginzburg, 1989, p. 152).

Esse conhecimento transmitido de geração em geração teve como veículo representações materiais (pinturas rupestres e artefatos) e a oralidade, especificamente, as narrativas de fábulas. O saber difundido caracterizava-se pela capacidade de, partindo de dados aparentemente irrelevantes, permitir reconstruir uma realidade complexa e não experimentável diretamente (Giovani, 2010). O Paradigma Indiciário desempenhou, ademais, um marco fundamental no desenvolvimento da medicina através da investigação venatória de sintomas. “O princípio básico da investigação médica dos sintomas é o mesmo da investigação dos caçadores “primitivos”: a busca de indícios reveladores na explicação do fenômeno com o qual se defrontam” (Coelho, 2007, p. 12).

A partir de seus estudos sobre o pintor italiano Giovanni Morelli, o personagem literário Sherlock Holmes e o psicanalista Sigmund Freud, Ginzburg examinou os pormenores negligenciáveis a fim de captar uma realidade mais profunda: Freud através dos sintomas e sonhos de seus pacientes; Holmes por meio das pistas aparentemente irrelevantes em suas investigações; e Morelli com os signos pictóricos que caracterizavam a autoria de obras de arte (Ginzburg, 1989).

Estamos certas de que a ideia de ciência e rigor científico tenha atravessado profundas transformações, sobretudo após o paradigma científico centrado na física galileana. Entretanto, uma ciência do particular irá preferir dizer coisas significativas, mesmo pondo em risco a cientificidade no sentido moderno da palavra. O conhecimento qualitativo que defendemos está ligado ao conhecimento dito como cotidiano: tem raízes

na experiência, na concretude da vida e nas interações sociais, essas complexas em sua natureza. Debruçamo-nos sob um caminho interpretativo no qual o pesquisador busca pistas, rastros, indícios e dados marginais no objeto de estudo e o reconstrói fazendo inferências sobre sua singularidade, dados irrelevantes, às vezes, para os leigos no assunto (Giovani & Souza, 2017).

Trata-se aqui de considerar um indício ou sinal para formular uma hipótese (raciocínio abduativo) com a qual se constrói um sentido provisório. A hipótese formulada permite encontrar outros indícios (no mesmo texto ou em outros textos correlatos) com que se confirma o sentido provisório construído ou se abandona este sentido por outro mais adequado agora baseado em novos indícios que darão ao primeiro indício também outro sentido. Agindo assim sucessivamente, como um detetive, chega a um sentido construído com base em argumentos coerentes e consistentes (Gerald, 2012, p. 35).

Abertas para comentários e em concordância com o conceito bakhtiniano de cotejo de textos, buscamos recuperar uma cadeia infinita de enunciados que se contrapõem, concordam, polemizam e se unem entre si:

O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo. Salientamos que se trata do contato dialógico entre os textos (entre os enunciados), e não do contato mecânico “opositivo”, possível apenas dentro das fronteiras de um texto (e não entre texto e contextos), entre os elementos abstratos desse texto (entre os signos dentro do texto), e que é indispensável somente para uma primeira etapa da compreensão (compreensão da significação e não do sentido) (Bakhtin, 1997, p. 405-406).

À vista disso, compreendemos a interpretação como etapas de um movimento dialógico que tem como ponto de partida “[...] o texto dado, para trás — os contextos passados, para frente — a presunção (e o início) do contexto futuro” (Bakhtin, 1997, p. 405).

Unindo a base teórica a este modelo epistemológico, mediante um trabalho rigoroso e flexível, temos como oportunidade investigar as particularidades do texto escrito tornando possível analisá-lo em sua integridade, unicidade e historicidade: como um elo na cadeia discursiva, ou seja, como um enunciado, como um texto que se constitui no diálogo com os textos que o precederam e com os que o sucederão (Giovani & Souza, 2017). Partimos, na próxima seção, para a análise por meio das hipóteses de que as produções textuais são plurivocais, apresentam entoações de já-ditos em alternância com a alteridade dos sujeitos. Acreditamos, ainda, que há rastros das características dos gêneros discursivos e pretendemos investigar de que maneira se fazem presentes nos escritos de crianças em

fase de apropriação da escrita. A análise aqui desenvolvida busca investigar, tal como faziam os caçadores, os rastros de uma escrita em constituição.

Os Dados Singulares

Contexto da Situação de Interação e Constituição dos Dados

Visando à interação, no sentido de troca entre eu e o outro, propusemos em outubro de 2022 uma atividade de produção textual com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública federal. A turma foi composta por 23 alunos, dos quais 22 estavam presentes no momento da realização da dinâmica. A atividade foi aplicada em duas aulas de 50 minutos por três graduandas do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da UFSC.

A oficina de produção textual foi baseada no quadro *Agora é sua vez* do programa televisivo Quintal da Cultura, no qual os apresentadores constroem uma história a partir de imagens e/ou objetos sorteados aleatoriamente: um apresentador retira um objeto da caixa e precisa iniciar uma narrativa com tal objeto, o seguinte retira outro e continua a história, o terceiro retira o último e a finaliza. Adaptamos a dinâmica utilizando uma “caixa de surpresas”, construída e enfeitada pelas próprias graduandas, que continha objetos a serem sorteados sem que pudessem ser vistos previamente. Tendo em vista o ano de 2022 e a iminente Copa do Mundo FIFA, optamos por circunscrever a dinâmica a essa temática, adicionando à caixa objetos como, por exemplo, as miniaturas de uma bola de futebol e da taça da copa, um apito, uma meia, um cartão vermelho e uma figura do álbum de figurinhas do evento.

A atividade de escrita consistia na criação de uma narrativa que contivesse, de algum modo, os objetos sorteados pelos estudantes. Enfatizamos que em nenhum momento delimitamos alguma composição de gênero discursivo aos alunos, deixando-os livres para que escrevessem da maneira que se sentissem mais à vontade. A temática também ficava sob autoria dos alfabetizados, posto que poderiam criar qualquer história desde que nela se fizessem presentes os objetos. Assim sendo, quatro itens foram sorteados: uma meia, uma bola, uma taça e um cartão vermelho. No momento de realização da atividade, distribuimos folhas de papel e direcionamos as crianças a escreverem suas histórias, enquanto observávamos e atendíamos quaisquer dúvidas.

Ao analisar os dizeres escritos pelos sujeitos, a teoria bakhtiniana se fez presente. Surgiu a curiosidade e a astúcia de pesquisar de que modo os gêneros discursivos se formavam em suas escrituras. Ademais, chamou a atenção a mistura de vozes que ecoavam por meio das histórias das crianças participantes.

Com respaldo da teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin e do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), na seção seguinte seguiremos vestígios, rastros ou sinais que apontem para a singularidade do escrever e da produção de sentidos de crianças ainda no seu início de relação com a escrita sistematizada, nesse caminho em que se misturam o eu e o outro e que é próprio da experiência com a linguagem verbal escrita. Isto porque a produção de textos escritos por sujeitos iniciantes pode e deve ser considerada um mergulho na corrente verbal, cotejando textos e contextos passados, do presente e futuro, de modo singular (Bortolotto & Giovani, 2023).

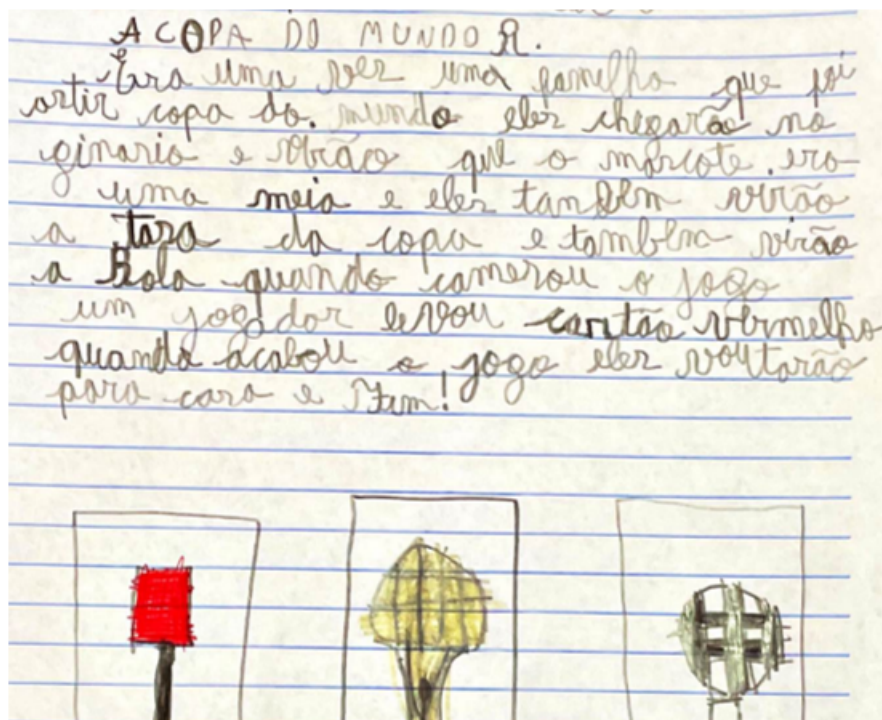
Um Percorso Interpretativo Através dos Dados Singulares

Objetos sorteados, lápis à mão e se inicia a produção de textos. Logo o que nos chama a atenção, referente à estrutura dos escritos, é o modo como muitos alunos iniciam as suas narrativas: era uma vez. Como os deixamos livres para que escrevessem da maneira que preferissem, vários optaram pela estrutura de composição característica do conto de fadas. Isto nos leva a pensar de que maneira estão imersos nesse universo literário, muito provavelmente, tanto em ambiente escolar como domiciliar. O conto de fadas, história que envolve personagens fantásticos, pode ser aliado no desenvolvimento da leitura e da escrita dos discentes, sendo que “[...] letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (Soares, 2003, p. 3). Esses sinais nos remontam, também, à familiaridade que as crianças apresentam na interação com esse gênero — o conto — sentindo-se mais confiantes para escrever diante desta composição. Interessante pensar, porém, que apesar da estrutura “Era uma vez” e “Fim” serem recorrentes, a temática fantástica, também parte das características relativamente estáveis desse gênero, na maioria das vezes não é contemplada, uma vez que as histórias são geralmente circunscritas às vivências do cotidiano das crianças. Podemos seguir um caminho interpretativo que nos leva ao sobressalto das construções composicionais em detrimento

de outros aspectos, pelo menos nesse início de produção escrita das crianças. Vejamos algumas produções:

Imagem 1

Texto Produzido por um Aluno

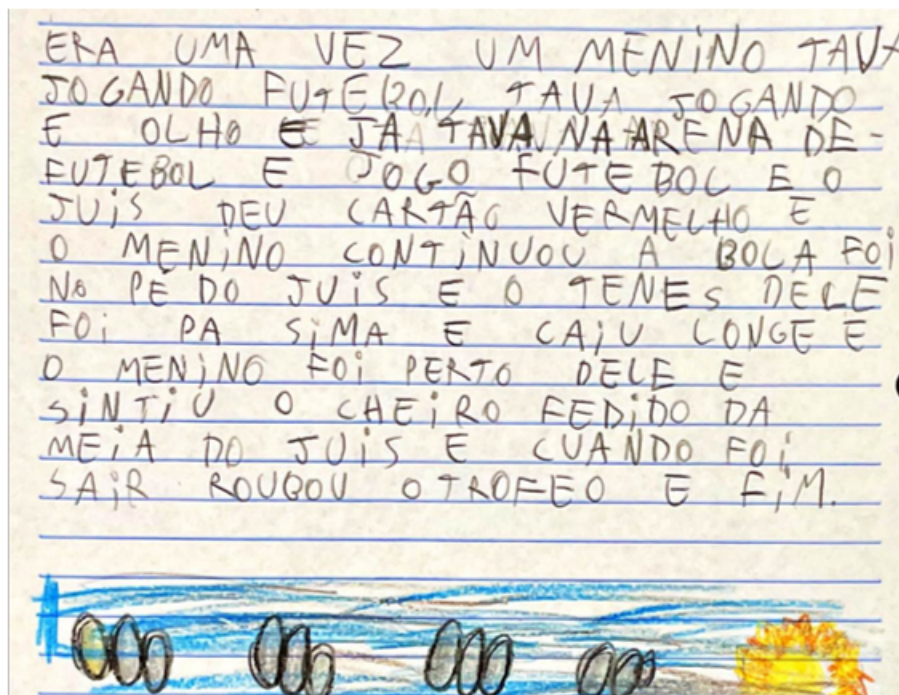


Fonte: Acervo das autoras

Na Imagem 1, o aluno inicia com um título seguido de um parágrafo com “Era uma vez”. Em consonância com a proposta de atividade, ele narra uma história com os três objetos solicitados, desenhando-os, inclusive, ao final. A narrativa apresenta um início, “Uma família que foi assistir a copa do mundo”; um desenvolvimento, que consiste no relato do que viram durante o jogo; e um final, “[...] quando acabou o jogo eles voltaram para casa”, concluindo com o “Fim” típico do conto de fadas. A criança buscou montar, a partir dos objetos, situações que a família, instituição importante em seu cotidiano, viu durante um jogo de futebol, tal como uma sequenciação de fatos. Podemos pensar que em confronto com as vozes das graduandas, ele buscou sua enunciação, seguindo o que lhe foi solicitado.

Imagem 2

Texto Produzido por um Aluno



Fonte: Acervo das autoras

Outro caso que nos dá indícios da estrutura composicional do conto de fadas apresenta-se na Imagem 2. Nesta escrita, podemos observar traços do eu em seu ato criativo do escrever. Seguindo a proposta, constrói-se uma história com maiores detalhes: assim como no Texto 1, há um início, o menino que jogava futebol e que, quando percebe, está numa arena, num quase salto de tempo e espaço; um desenvolvimento que são os atos que ocorrem durante o jogo de futebol, com uma maior delimitação temporal; e um final inusitado, pois o jogador de futebol, que aparentemente não ganha o jogo, rouba o troféu.

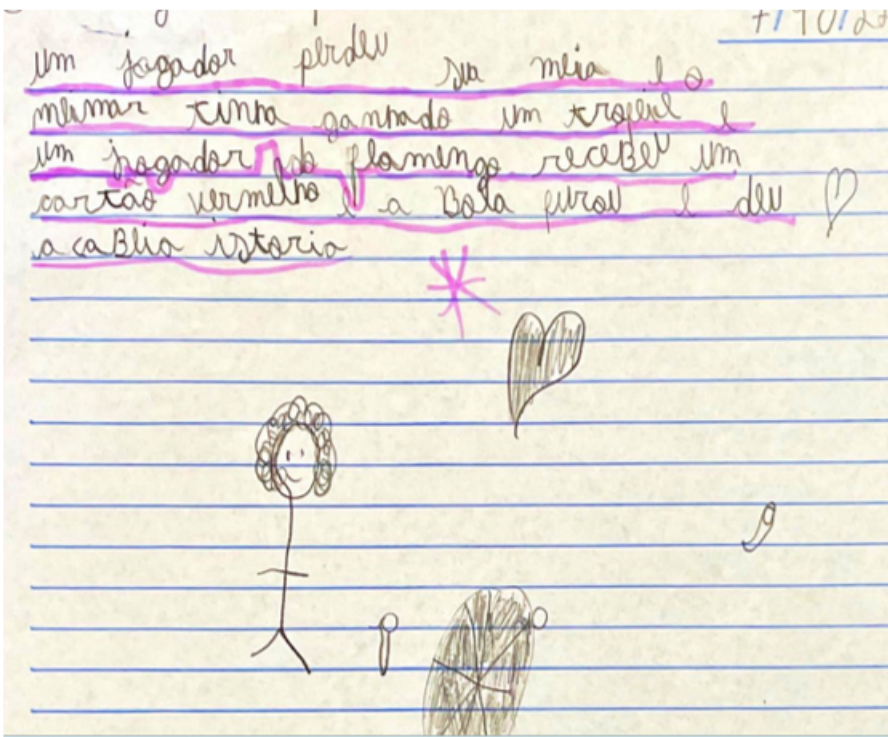
Podemos refletir sobre a relação plurivocal que carrega os dizeres do infante que, partindo de seu poder de autoria, cria uma narrativa excêntrica, com traços de seus próprios conhecimentos de mundo. Quanto à escolha lexical, nos chamou atenção o uso de “ginásio”, na Imagem 1, e “arena”, na Imagem 2, para se referir ao campo de futebol. Isto nos mostra características de seus estilos e suas marcas próprias do processo de escrita. Pensamos, ainda, como explicitado anteriormente, e agora cotejando esses dois primeiros textos, que apesar do uso da estrutura do conto de fadas, as histórias não necessariamente seguem uma linha fantástica, levando-nos ao que postula Bakhtin (1997) sobre as possibilidades da multiforma atividade humana e o caráter dinâmico dos gêneros

do discurso, que fundem-se, completam-se, misturam-se, negam-se, contradizem-se, em um processo infinito de encontro de vozes.

Seguindo os passos de como as crianças articulam-se com enunciados vivos e concretos, percebemos haver marcas de um estilo próprio através da alteridade marcada nas entrelinhas do papel. Segundo Bakhtin (1997), o elemento expressivo determina a composição e o estilo do enunciado, porquanto revela uma relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Vejamos agora a Imagem 3:

Imagem 3

Texto Produzido por um Aluno



Fonte: Acervo das autoras

A criança da Imagem 3, diferentemente dos dois textos anteriores, inicia diretamente a narrativa, sem deter-se à construção composicional do conto de fadas. A seleção das personagens e a adjetivação nos fornecem sinais de sua realidade sócio-histórica, de seu cronotopo e de seus gostos pessoais, a exemplo da escolha de um jogador específico, Neymar, e de um time de futebol, Flamengo. Ressoam, no texto, suas vivências, haja vista que se inscreve a partir de uma experiência própria. Em dinâmica com nossa perspectiva teórica, olhamos para esse texto partindo do nosso ser responsivamente, o que considera

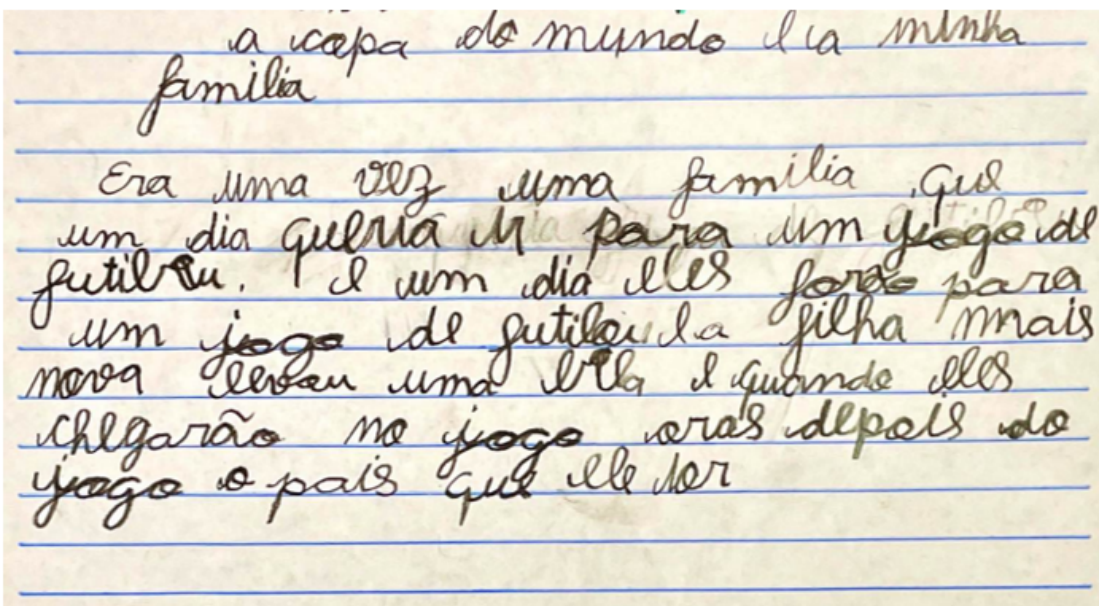
que o sujeito sempre terá algo para dizer, contar e escrever. O que nos chama atenção em seus dizeres, ademais, é a forma como finaliza a narrativa: “[...] e deu, acabeia história”. Voltamo-nos para a evidência de autoria, de tomada de posição, de se colocar, neste caso, como participante que afirma em primeira pessoa. Essa entonação própria marcada lexicalmente pela sentença reforça o estipulado pelo filósofo russo:

A relação valorativa com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado se define acima de tudo por seus aspectos expressivos (Bakhtin, 1997, p. 309).

Atentemos o olhar para o texto 4:

Imagem 4

Texto Produzido por um Aluno



Fonte: Acervo das autoras

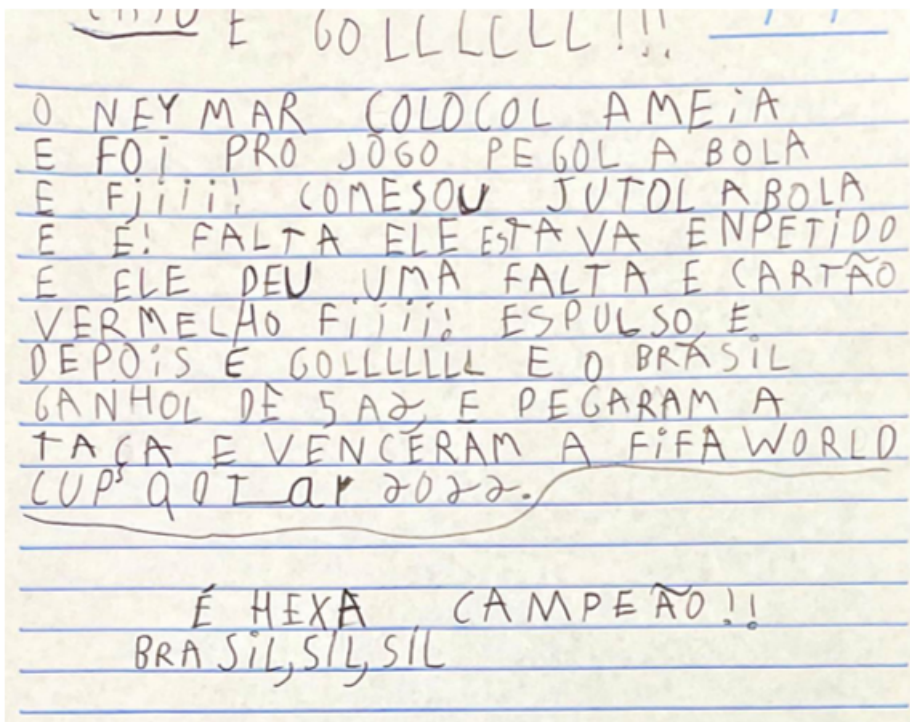
Pensando na tomada de posição através das marcas de autoria, o texto da Imagem 4 nos compenetra. De prima, algo de diferente aparece: a criança inicia com um título, “A copa do mundo e a minha familia”. O estudante deixa explícito, pelo menos na escolha de tais palavras, que não se trata de uma família qualquer, mas a dela especificamente. Inicia, então, como na estrutura da Imagem 1 e 2, com o “Era uma vez”. Nas primeiras linhas, observamos sinais de um apagamento devido a um borrão, marca de conflitos travados com a escrita. Sob nossa ótica, este representa um sinal positivo, posto que remonta a

interação da criança com a modalidade escrita, mediante a momentos de pausas, tentativas e reescritas.

O autor iniciacom o relato de que a família tinha vontade de ir, um dia, para um jogo de futebol. A história se desenvolve com a jornada da família e os acontecimentos que dali decorrem. Enfatizamos, novamente, o uso de adjetivação para verificarmos marcas cronotópicas, que de alguma forma se relacionam com os dizeres da criança. Quando escreve “filha mais nova”, seguimos indícios que expressam alguma significância para a criança. Não necessariamente ela tem irmãs, ou é a caçula, mas de algum modo a escolha representa algo para o autor, podendo, inclusive, refratar dizeres de outros. Bakhtin, ao refletir sobre estilo, diz que um enunciado é individual porque pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve) (Giovani, 2010). A história continua até que, chegando ao fim, não há desfecho. Pontuamos que provavelmente devido ao tempo, este pequeno autor não pôde finalizar sua narrativa, o que deduzimos por uma quebra evidente em sua tentativa de escrita da última palavra, a qual parece inacabada. De todo modo, são diversos os dizeres que ressoam nesta produção, principalmente para refletirmos a individualidade dos enunciados. Vejamos a Imagem 5:

Imagem 5

Texto Produzido por um Aluno



Fonte: Acervo das autoras

Continuando nosso percurso, defrontamo-nos com a Imagem 5. Vários aspectos nos travam reparo, a começar pelo título: “É golllllll!!!”. Fica nítida a marca de oralidade ecoada no título que é comum nas narrações futebolísticas. O autor inicia, assim como no texto da Imagem 3, com a escolha de um jogador de futebol particular, bastante influente em nosso país: o Neymar. Para atender à solicitação da proposta de produção textual, a criança cita a meia, um dos objetos da caixa de surpresas. O que decorre é uma sequência de fatos, assemelhando-se a uma descrição de acontecimentos: coloca a meia, vai para o jogo, chuta a bola...Todavia, os sinais mais interessantes estão nas marcas estilísticas que emergem da escrita do infante, essa repleta de oralidade: pontos exclamativos, repetições de letras e onomatopeias. De imediato, recordamo-nos das narrações orais de futebol, típicas da esfera televisiva e radialística. O que nos parece, para tanto, é que o autor transpõe um gênero oral comum de suas interações sociais para uma narrativa escrita. Essa travessia nos revela o processo de interação do infante com a escrita, partindo de suas vivências em movimento dialógico próprio dos gêneros.

Em acréscimo a nossa análise, apontamos como a criança, com naturalidade, demonstra seu domínio de um gênero oral ao conseguir manejá-lo para um gênero escrito. As marcas, como já citado anteriormente, estão em escritos como o “e”, conjunção aditiva, que demarca a continuidade das ações; vocábulos como “fiiii!” e “gollll”, próprios dos dizeres dos locutores de futebol, em que o aluno, para reforçar esse aspecto oratório, o faz por meio de repetições das letras finais tal como uma onomatopeia; e o uso de pontos de exclamação como maneira de acentuar um aspecto emotivo, dando seu próprio tom.

Podemos pensar que essa criança não está apenas reproduzindo as instruções da atividade, mas demarcando seu posicionamento por intermédio do domínio de gêneros discursivos presentes nas esferas da atividade humana das quais faz parte. Para Bakhtin (1997), quando pensamos no tema, este se apresenta como a expressão de uma situação concreta que deu origem à enunciação. Para tal efeito, o aluno utiliza um estilo que lhe é próprio e híbrido por via de suas próprias entoações. Como apontado por Giovani:

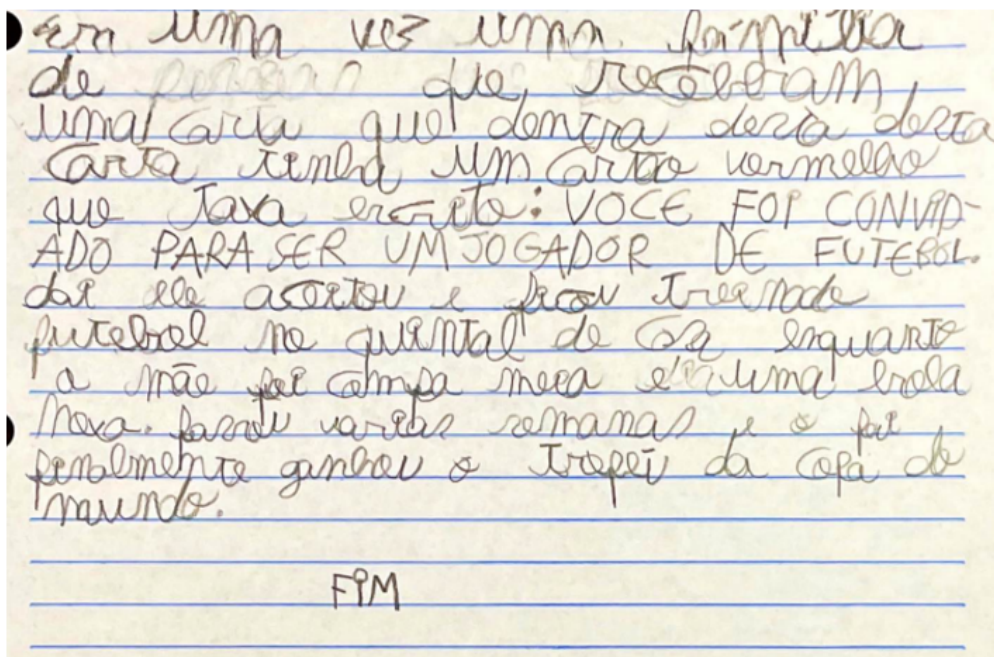
O tema de uma enunciação não é só determinado pelas formas linguísticas que entram na composição como as palavras, entoações, mas também por elementos não verbais da situação, que nada mais são que o contexto de produção desse texto (Giovani, 2010, p. 182).

O autor se sentiu à vontade, mesmo em um ambiente institucional que é o escolar, para escrever a seu modo, emergindo de seu contexto vivido. Ele termina, então, com um traço, que parece significar o fim da história, e as frases “É hexa campeão!! Brasil, sil, sil”, autêntico, novamente, dos locutores esportivos e das chamadas televisivas.

Para finalizar o nosso percurso, olhemos para a Imagem 6.

Imagem 6

Texto Produzido por um Aluno



Fonte: Acervo das autoras

Para além da estrutura composicional do conto de fadas, “Era uma vez” e “Fim”, percebemos, no cotejo com os textos, que a temática desta produção toma rumos distintos do que os abordados anteriormente. O pequeno autor, ao invés de narrar alguma situação de futebol como esperado quando se compara os demais textos, aproxima a história de uma atividade domiciliar. Retrata, para isso, uma “família de pessoas”, em que os vestígios do apagamento revelam os recuos na interação com a escrita, esses causados pela reflexão do discente e pelo vai e vem do fluxo que envolve o ato de escrever.

Ele dá continuidade ao enredo por meio de uma situação inusitada: a família recebeu uma carta em que havia um convite para o filho ser jogador de futebol. Interessante olharmos para o fato de que, na carta, as palavras estão todas em letras maiúsculas. Isto nos faz refletir que o aluno quis demonstrar, de algum modo, que aquilo se diferenciava das outras palavras da história, uma vez que o destaque seria justamente a

representação da carta. Haveria, assim sendo, uma interpolação dos gêneros discursivos. Esse hibridismo nos encaminha a amostras de que o aluno estabelece um diálogo entre os gêneros – neste caso, carta e conto – dando sentido à atividade proposta e confirmando que em seu processo de apropriação da escrita dialoga não somente com os saberes escolares, mas com uma gama de conhecimentos advindos das diversas situações que participa enquanto sujeito histórico.

Como nos direciona Geraldi (2009, p. 79) “[...] os gêneros são relativamente estáveis, até porque há constantes entrecruzamentos entre eles, com características de um deslocadas para outros, com renovações e retornos”. Em relação ao estilo, ao narrar, a criança mescla discurso direto e indireto, dado que traz a carta como voz própria de algum sujeito personagem da história.

Outro aspecto que nos trava reparo é a conexão com a vida, isto é, a cronotopia, dada em sinais como “[...] e ficou treinando futebol no quintal enquanto a mãe foi comprar meia e uma bola nova”. Acreditamos que em sua vivência o aluno se defronta com situações parecidas, seja vivendo-as diretamente, na relação tempo-espço, ou em trocas com colegas e interações sociais. Como postulado por Bakhtin:

As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal (Bakhtin, 1997, p. 317).

Diante de todo o exposto, é possível concluir, pelo registro de indícios por nós desvelados, os modos como se dão as características relativamente estáveis dos gêneros discursivos na interação das crianças com a escrita, ao encontrarmos sinais tanto da construção composicional, como da temática, bem como do estilo dos discentes, ora entrecruzando-se, ora sobressaindo-se. Observamos, além disso, um movimento dialógico, travado na apropriação da palavra do outro por parte das crianças, tornando-se suas próprias palavras, bem como uma influência clara do cronotopo em sua constituição enquanto sujeitos.

Considerações Finais

Na esteira da teoria bakhtiniana, propusemos neste artigo recuperar o percurso trilhado por crianças em sua interação com a escrita, mergulhando nos indícios deixados em suas produções escritas acerca do domínio e das características relativamente estáveis dos gêneros discursivos - estilo, tema e construção composicional - e no conhecimento sobre a realidade que os cerca. O sujeito que escreve, mesmo em sua fase inicial de vida, não entra nesse espaço mudo, mas com sua singularidade e na sua alteridade em relação ao outro. A criança se inscreve como um ser no mundo, num diálogo que envolve palavra e contrapalavra.

O nosso movimento interpretativo foi assumido através de uma posição heterocientífica diante do nosso objeto – a escrita – seguindo rastros em busca de uma singularidade. Resgatando Bakhtin (1997), interpretar é correlacionar textos, colocando-os em diálogo, compreendendo um texto, pondo-o em relação a outros textos, posicionando-o em novo contexto, seja no meu contexto passado, contemporâneo, no ato vivido, ou num contexto futuro. O trabalho com o cotejo de textos é, em suma, ato de criação além de ato de interpretação.

Partimos, deste modo, do pressuposto de que a linguagem permeia toda e qualquer prática social através de enunciados concretos, sejam orais ou escritos. Assim, nossa escolha metodológica, o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), permitiu-nos uma análise do texto em sua integridade, sem a busca de generalizações ou verdades absolutizadas. Percebemos, nos indícios recuperados, como a vida cotidiana (como a palavra alheia) é incorporada nas palavras escritas (próprias), além de como o contato com os gêneros discursivos, em sua multiplicidade de sentidos e contextos, reflete e refrata nos escritos das crianças. Percorremos por diversas vozes, dizeres, influências, marcas, estilos, construções e vivências, evidenciando a alteridade e responsividade dos interactantes – tanto dos alunos como das pesquisadoras.

Salientamos, porém, que tendo como base o dialogismo bakhtiniano, concebemos o gênero não como estático ou “coisificado”, mas como um dispositivo de comunicação sócio-histórica e ideologicamente situado, o que, por sua vez, pressupõe a consideração da natureza constitutivamente heterogênea da linguagem.

Este artigo, para tanto, evidenciou o texto como espaço de interlocução, em que a escrita adquire caráter responsivo, um processo de constituição ativa de seus sentidos. Em

síntese, os textos analisados – dentro do seu contexto, espaço e tempo – estabelecem diálogos com o já vivido, com a experiência e com as formas de interação humana, imersas nos gêneros discursivos, tanto no âmbito da esfera cotidiana, como no da esfera escolar. Do mesmo modo, as narrativas dialogam com seu interlocutor, fornecendo questionamentos e possíveis respostas preenchidas pela singularidade e pelo lugar que ocupa no mundo. Assim sendo, o texto se abre em suas infinitas possibilidades para que o pesquisador interaja com as palavras dos pequenos autores e as redefina a partir das suas próprias palavras.

Referências

- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*, (2. ed.). Editora Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, (12. ed.). Hucitec.
- Bakhtin, M. (2010). *Para uma filosofia do ato responsável*, (V. Miotello & C. A. Faraco, Trad.). Pedro & João Editores.
- Brasil, Ministério da Educação (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais*.
- Brasil, Ministério da Educação (2018). *Base Nacional Comum Curricular*.
- Bortolotto, N., & Giovani, F. (2023). A criança em processo de alfabetização: Quando a criança teoriza a vida vivida pela linguagem. *Revista Fórum linguístico*, 20(1), 8746-8756. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e86766>
- Coelho, C. M. (2007). *Raízes do Paradigma Indiciário*. Núcleo de Estudos Indiciários, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Di Fanti, C. (2003). A Linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas, Revista de Estudos Linguísticos*, 7, <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25268>
- Franchi, C. (2012). Linguagem: Atividade Constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 22(10). <https://doi.org/10.20396/cel.v22i0.8636893>
- Geraldi, J. W. (1997). No espaço do trabalho discursivo, alternativas. Em J. W. Geraldi. *Portos de passagem*, (4 ed., pp.115-189). Martins Fontes.
- Geraldi, J. W. (2009). *Deslocamentos no ensino: De objetos a práticas; de práticas a objetos* [Mesa-redonda]. CELLIP, Brasil.
- Geraldi, J. W. (2010). A aula como acontecimento. Em J. W. Geraldi. *A aula como acontecimento*, (pp. 81-101). Pedro & João Editores.
- Geraldi, J. W. (2012). Heterocientificidade nos estudos linguísticos. Em Grupo de estudos dos gêneros do discurso (Orgs.). *Palavras e contrapalavras: Enfrentando questões de metodologia*, (pp. 29-33). Pedro & João.
- Geraldi, J. W. (2013). Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: Os educadores podem dizer muito com Bakhtin. Em M. T. Freitas (Org.). *Educação, Arte e Vida em Bakhtin*, (pp. 11-28). Autêntica.

Giovani, F. (2010). *A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização*, [Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista]. Repositório UNESP <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103554>

Giovani, F., & Souza, N. B. (2017). *Bakhtin e a Educação: A ética, a estética e a cognição*, (2.ed.). Pedro & João Editores.

Giovani, F. (2017). Linguagem e heterociência: Uma janela aberta para a ideologia do cotidiano. Em Grupo de Estudos Bakhtinianos (Org.). *IV Encontro de Estudos Bakhtinianos [EEBA]: das Resistências à Escatologia Política: Risos, corpos e narrativas enunciando uma ciência outra*. Pedro & João editores.

Giovani, F. (2018). Transgrediência na pesquisa em ciências humanas: O paradigma indiciário. Em L. Serodio, & N. B. Souza, (Orgs.) *Saberes transgredientes*, (pp. 129-144). Pedro & João Editores.

Giovani, F., Reyes, C. R., & Garcia, C. B. (2020). Em busca do dado singular: A micro história de um estilo. *Diálogo das Letras*, [S. l.], 9.

Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais*, (1ed.). Companhia das Letras.

Miotello, V., Manfrim, A. M. P., & Nagai, E. E. (Org.). (2009). Grupo de Estudos de Gêneros do Discurso (Org.). *Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. Pedro & João Editores.

Miotello, V. (2011). *Discurso da ética e a ética do discurso*, (1ed.). Pedro & João Ed.

Ponzio, A. (2010). *Procurando uma palavra outra*, (3ed.). Pedro & João Editores.

Sériot, P. (2023). Generalizar o único: Gêneros, tipos e esferas em Bakhtin. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 11(21).

Soares, M. (2003). *Letramento e alfabetização: As muitas facetas*. UFMG.

Sobral, A. (2009). Ver o mundo com os olhos do gênero. Em A. Sobral. *Do dialogismo ao gênero: As bases do pensamento do círculo de Bakhtin*, (pp. 115-134). Mercado de Letras.

Sobral, A. (2012). Interfaces entre texto, discurso e gênero nos estudos da linguagem: Uma perspectiva bakhtiniana. Em D. C. Figueiredo, A. Bonini, M. M. Furlanetto, & M. E. Moritz, (Orgs.). *Sociedade, Cognição e Linguagem: Apresentações do IX CELSUL*. Insular.